

Do Chile para Lisboa, os arquitectos das formas quase primordiais

Trienal de Arquitectura mostra até 4 de Agosto uma instalação do jovem atelier chileno Pezo von Ellrichshausen na LX Factory que propõe “uma experiência directa com a gravidade”

Arquitectura
Joana Amaral Cardoso

Uma pedra pende de duas vigas de madeira de dez metros que se cruzam. A pedra pesa cem quilos. Para Maurício Pezo e Sofia von Ellrichshausen, é “uma pequena obra” esta que habita agora o pavilhão Kairos na LX Factory, em Lisboa. O atelier chileno Pezo von Ellrichshausen está habituado a pequenas grandes coisas. Jovens pontas-de-lança da actual arquitectura chilena, são conhecidos pela sua interpretação do minimalismo via monólito. Palavra a reter, e que mais vezes se vai ler, quando falamos destes arquitectos que hoje dão uma conferência em Lisboa, no âmbito da 3.ª Trienal de Arquitectura.

Maurício e Sofia são uma jovem expressão, sub-40, da arquitectura chilena – que, assinala Pedro Gadanho, arquitecto e curador do departamento de Arquitectura Contemporânea do Museum of Modern Art de Nova Iorque (MoMA), muito é associada à suíça ou à portuguesa, pela sua experiência do material, do monolítico. Mas os autores da casa Poli (2005), um cubo num penhasco que chamou a atenção do sector para o seu trabalho, não se identificam com a ideia de uma “arquitectura chilena”, cujo rosto mais actual será o de Alejandro Aravena, júri do Prémio Pritzker e autor das *viviendas incrementales*. Admitem, sim, “uma certa forma de olhar o mundo segundo o lugar onde cresceram”, são herdeiros da paisagem e de uma forma de entender a geografia que os faz pensar de forma “quase esquemática”.

Gadanho estará hoje às 19h a conversar com eles na LX Factory a propósito de *Crux Pavilion*, a última instalação da primeira fase de programação da Trienal de Arquitectura de 2013, e ao telefone com o PÚBLICO toca as teclas que se ouvem sempre que se fala deste casal chileno: os monólitos, mas também o entrelaçar de arte e arquitectura no seu trabalho. E os Pezo von Ellrichshausen falam como (alguns) artistas. Sabemos que não gostam de explicar uma

obra – “acabamos por torná-la numa superfície plana, rasa”. Por *email*, não sabemos da sua melancolia ao responder à pergunta do PÚBLICO sobre *Crux Pavilion*, mas pouco há de raso na explicação. Para Maurício e Sofia, “é uma peça muito simples, mas ao mesmo tempo com uma certa pretensão de monumentalidade”, uma “confirmação do nosso interesse pelas estruturas espaciais elementares e pela sua capacidade de sugerir problemas conceptuais”. E se a arquitectura surge para resolver problemas, a arte formula-os. Portanto, as duas disciplinas cruzam-se, como as duas mastodónticas vigas de madeira.

Para nós, que a visitamos e rodeamos, é “uma experiência directa com a gravidade, com o peso das coisas”, esperam os chilenos. Pedro Gadanho, ao telefone de Nova Iorque, defende que o facto de estes jovens arquitectos se dividirem entre as instalações *site specific* e as encomendas lhes permite “encenar um diálogo com o urbano, de ter uma voz mais crítica”. *Crux Pavilion* desenvolve-se sobre o cimento do pavilhão Kairos – um projecto dos arquitectos João Quintela e Tim Simon, que é uma plataforma de apresentação e colaboração criativa, no fundo um *white cube* de cinza-betão onde as instalações da Trienal de Arquitectura se esplanam – e é, no fundo, “um diagrama de forças”, dizem os Pezo von Ellrichshausen.

A visita dos Pezo von Ellrichshausen a Portugal – e eles já pensaram o território português, tendo um projecto de 2006 para uma casa em Silves – é a oportunidade de contactar com os autores de uma obra que tem elementos performativos e que explora com “intensidade certos elementos arquitectónicos, mais tectónicos, mais ligados ao minimalismo”, explica Pedro Gadanho. E depois há as casas Pezo von Ellrichshausen, sempre associadas “ao monólito, que se tornou na imagem de marca da sua obra”.

De facto, folhear a monografia da revista *A+U*, que hoje é apresentada no evento, ou consultar o portefólio dos chilenos é depararmo-nos com



A instalação *Crux Pavilion*, dos Pezo von Ellrichshausen na LX Factory, tem uma pretensão de monumentalidade que joga com o peso e a leveza de uma pedra de cem quilos sobre um espelho de água; em baixo, a Casa Alto, desenhada pelos chilenos para albergar o seu atelier e residência

paralelepípedos incrustados na paisagem, estruturas de janelas e aberturas rasgadas ao milímetro cravadas no meio circundante e que, na sua simplicidade austera, impossibilitam a indiferença. E esse caminho é mais autêntico, defende Pedro Gadanho. “São mais radicais do que os outros arquitectos que adoptaram o minimalismo como linguagem como tendência na arquitectura contemporânea” – porquê? Porque há uma superficialidade nessa abordagem mais genérica, “fugindo aos princípios, muito interessantes, do que é o minimalismo”, defende o curador. Os Pezo von Ellrichshausen “são muito consistente no modo como

procuram ideias para os espaços interiores das casas e nas sequências que lá criam, mas também [no exterior] na ideia do objecto que se insere na paisagem de uma forma quase primordial”, aprecia o arquitecto português.

Maurício e Sofia foram distinguidos desde cedo na sua ainda curta carreira com vários prémios na América do Sul e em 2012 receberam o Prémio Spotlight da Rice Design Alliance, destinado a jovens arquitectos. A dupla foi curadora do pavilhão do Chile da Bienal de Veneza em 2008 e, além de serem autores de várias casas particulares e professores, têm agora em curso o projecto do “pequeno museu” da Fundación Meissner-Prim, em Concepción, no Chile.

Pequeno museu, pequenas casas. “Interessa-nos construir obras silenciosas, quase mudas, que tenham a capacidade de dizer muito,

“Interessa-nos construir obras silenciosas, quase mudas, que tenham a capacidade de dizer muito, de nos fazer pensar”

de nos fazer pensar. Obras simples e normais, que sejam familiares e próximas, mas que, ao mesmo tempo, tenham um carácter único e irrepitível.” Descrevem ao PÚBLICO a arquitectura como uma forma profunda de conhecimento. O que se aprende então, o que se reflecte, a partir da obra destes arquitectos? Um exemplo prático vem logo à cabeça de Pedro Gadanho. Maurício e Sofia desenharam a sua casa,

a Arco, onde também mora o seu atelier, numa zona do Oeste do Chile. Trata-se de um esqueleto de aço escuro recheado de seis divisões só feitas de janelas, esguio e monolítico, claro, cheio das tensões de um edifício pequeno com grandes e densos elementos estruturais. Gadanho destaca “o uso da geometria, dos recortes, das pausas, que atravessam uma casa que é estranha, por ser muito vertical”. Ali, vê-se, tal como nas suas casas para outros clientes – uma carreira feita sobretudo de “encomendas privadas de pequena escala em que se podem dar ao luxo da exploração, para aprofundar ou radicalizar aspectos presentes na arquitectura chilena”, completa Pedro Gadanho –, como “rompem conceitos sobre o que deve ser uma casa e a sua organização”. E, no fundo, e aqui a jogar literalmente em casa, pensam connosco o papel da arquitectura hoje.



Programa de Doutoramento FCT Estudos sobre Globalização

COORDENADOR: Nuno Severiano Teixeira

ÁREAS CIENTÍFICAS:

História global e história dos impérios | Migração internacional e comunidades em movimento
Mercados mundiais e desenvolvimento económico | Democracia e governo global | Segurança global
Saúde global | Direitos Humanos | Sustentabilidade e mudança climática

5 Bolsas FCT/ano

Mais informação em: <http://fcsch.unl.pt/ensino/doutoramentos/estudos-sobre-aglobalizacao-1/global-studies-en>

CONTACTOS:
Telef.: 21 790 83 00
doutoramentos@fcsch.unl.pt | globalstudies@fcsch.unl.pt